

# “ESPORTE É SAÚDE”: DESDE QUANDO?

VICTOR ANDRADE DE MELO

Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: victor@marlin.com.br

## RESUMO

*“Esporte é saúde”, “Esporte faz bem ao corpo e à mente”, “Esporte não é droga, pratique”. A despeito da existência de posicionamentos que procuram questionar uma suposta relação positiva e linear que se estabelece entre o esporte e a saúde de seus praticantes, não se pode negar a força dessa representação entre a população. Como e quando terá se estabelecido tal relação? Este artigo objetiva, a partir de um ponto de vista histórico, discutir os primórdios da forte relação estabelecida entre o esporte e a saúde. Para tal, pretende-se discutir a organização do fenômeno esportivo na sociedade brasileira, notadamente no Rio de Janeiro do século XIX, procurando-se desvendar seus diferentes sentidos e significados.*

*PALAVRAS-CHAVES: História do esporte; saúde*

## INTRODUÇÃO

“Esporte é saúde”, “Esporte faz bem ao corpo e à mente”, “Esporte não é droga, pratique”. A despeito da existência de posicionamentos que procuram questionar uma suposta relação positiva e linear que se estabelece entre o esporte e a saúde de seus praticantes<sup>1</sup>, não se pode negar a força dessa representação entre a população, incentivada constantemente pelos meios de comunicação e pelo mercado de consumo organizado ao redor do fenômeno esportivo.

Como terá se estabelecido tal relação? Quando? Em que contexto? Este artigo objetiva, a partir de um ponto de vista histórico, discutir os primórdios da forte relação estabelecida entre o esporte e a saúde. Para tal, pretende-se entendê-la no âmbito da organização do campo esportivo na sociedade brasileira do século XIX, especificamente no Rio de Janeiro, procurando-se desvendar seus diferentes sentidos e significados.

### ○ TURFE: ○ *SPORT* SEM SAÚDE

Até o fim do século que passou nós vivíamos, a bem dizer, indiferentes aos prazeres e às alegrias salutareas do esporte. A geração que vai proclamar a República, exceção feita dos homens que seguiam a carreira das armas, era uma geração de fracos e enfezados, de lânguidos e raquíticos (...) *Mens Sana in Corpore Sano* não passava de uma frase inexpressiva e vaga do velho Juvenal. Não se cuidava de cultura física. O que se fazia, então, era evitar os esforços tidos como nocivos à saúde (Edmundo, 1957, p. 831).

O pensamento de Luiz Edmundo, notório memorialista da cidade do Rio de Janeiro, explicita bem como a presença de atividade física e a relação com a saúde passam a ser, na virada do século XIX para o XX, dimensões consideradas como fundamentais para a prática esportiva. Se o autor não está desconhecendo a existência anterior do turfe, no mínimo está demonstrando o aumento da aceitabilidade do esporte no contexto cultural da cidade a partir do momento em que se tornou reconhecido como uma atividade que traria benefícios para a saúde. Para aprofundarmos tal entendimento, é necessário inicialmente observarmos como se organiza o campo esportivo no Rio de Janeiro.

Como já afirmado em ocasiões anteriores<sup>2</sup>, antes mesmo da organização do campo esportivo (primeira metade do século XIX), o termo *sport* já era cor-

---

1. Entre os que questionam tal relação, pode-se citar os estudos de Devidé (1996) e Lovisolo (1997).

2. Veiga, Salazar e Melo (1997) e Melo (1999a).

rentemente utilizado no Rio de Janeiro, destacadamente veiculado nos jornais e revistas. Em uma cidade, sede de um país recém-independente, que pretendia se modernizar, buscava-se estabelecer vínculos de diversas ordens com Paris e Londres, modelos do mundo “civilizado” europeu. No âmbito dessas conexões, o esporte, uma prática já existente naquelas cidades, chega ao Brasil.

O campo esportivo propriamente dito vai se organizar no Rio de Janeiro em meados do século XIX, com a organização do “Clube de Corridas” (1849), primeiro clube estritamente esportivo criado. O turfe se organizou pioneiramente por alguns motivos: os cavalos faziam parte do cotidiano da cidade; estava ligado a um estilo de vida rural, ainda predominante no momento; e fundamentalmente não significava uma ruptura com os hábitos da sociedade no que se refere à repulsa aos esforços físicos. Quem deveria correr era o cavalo, conduzido por um jóquei, normalmente membro das camadas populares.

Ao redor do turfe não havia uma preocupação ligada à saúde. Era considerado sim uma atividade “digna” e “familiar”, onde os membros das elites poderiam exercer seu sentimento de *status* e distinção, além de, direta e indiretamente, incrementar seus negócios. Um espetáculo bastante adequado à sociedade daquele momento.

Enfim, na sociedade daquele momento as preocupações com a saúde eram ainda embrionárias e somente começavam a se estruturar, não tendo qualquer ligação direta com o turfe (e com a representação de esporte em geral).

#### O REMO: O *SPORT* COM ATIVIDADE FÍSICA

Outro esporte somente se estruturou quando algumas mudanças ocorreram no contexto sociocultural da cidade. A partir de meados do século XIX, mais notadamente no quartel final, as iniciativas de “modernização” da cidade passaram a incorporar paulatinamente preocupações com a organização e a limpeza do espaço urbano.

Percebe-se então uma nova relação do habitante da cidade com a água e com o mar, primeiro incorporado como prática higiênica e terapêutica, mas logo também como opção de lazer: os banhos de mar popularizam-se. Percebe-se que a utilização do mar para banhos, que precede o desenvolvimento do remo, já estava inserida em um movimento crescente de preocupação com a saúde. Havia um rigoroso receituário a ser seguido, que variava segundo as concepções de cada médico a respeito dos benefícios dos banhos e dos meios de alcance de tais benefícios.

Em decorrência de tais preocupações com a saúde, como também da contínua influência do continente europeu, logo seria observável a aceitabilidade de

um novo padrão estético para o corpo do brasileiro. Dessa nova aceitabilidade, da valorização da “busca de saúde” e da ocupação das praias com outros sentidos que não somente terapêuticos (dimensões articuladas), o remo começa a se desenvolver. Tornara-se possível assistir homens “nus” e musculosos fazendo atividade física e competindo nas praias da cidade (Melo, 1999a, 1999b)

João do Rio, grande cronista da cidade, está entre os que percebem a redução das resistências para com os exercícios físicos no quartel final do século XIX e o conseqüente avanço da aceitação do remo:

Fazer esporte há 20 anos ainda era para o Rio uma extravagância. As mães punham as mãos na cabeça, quando um dos meninos arranjava um haltere. Estava perdido. Rapaz sem um pincenê, sem discutir literatura dos outros, sem cursar as academias – era um homem estragado (Barreto apud Costa, 1961, p. 278).

Pode-se perceber também tal mudança se compararmos a informação de João do Rio com a de outro importante cronista da cidade: Raul Pompéia. Se antes Pompéia comentava que os remadores:

[...] apresentavam-se com o vestuário próprio, de meia justa ao corpo. Mais do que o aproveitamento dos exercícios de carreira, devia interessar ao observador a desagradável exibição de forma sem elegância e sem músculo que a roupa de meia proporcionava. Bem pobre plástica a da nossa mocidade para um espetáculo de ginásios. *Corpore Sano! Meus amigos* (1996, p. 5),

alguns anos depois João do Rio afirmava que:

Rapazes discutiam “muque” em toda parte. Pela cidade, jovens, outrora raquíticos e balofos, ostentavam largos peitorais e a cinta fina e a perna nervosa e a musculatura herculeana dos braços. Era o delírio do *rowing*, era a paixão dos esportes. Os dias de regatas tornavam-se acontecimentos urbanos (Barreto apud Costa, 1961, p. 279).

Vale destacar que o próprio ato de remar passa por uma mudança de sentidos. Inicialmente a utilização de canoas e barcos não estava ligada à realização de competições, mas sim à contemplação do mar e da praia a partir de um outro ângulo. Quando começam as competições, isso já assume um sentido de desafio: contra o outro, contra si mesmo, mas também o de superação do próprio mar. Novos sentidos surgiriam quando o remo incorporasse definitivamente o discurso de “esporte saudável”.

#### O REMO: O *SPORT SAUDÁVEL*

As preocupações com a modernização, a urbanização, o saneamento e a saúde da cidade ganham caráter especial na virada do século XIX para o XX. A

partir de então, elas estavam diretamente relacionadas com o reordenamento econômico do país, de forma a melhor inserir o Brasil no quadro internacional do fluxo de capital<sup>3</sup>. Tratava-se de articular uma série de intervenções, tanto no âmbito da economia quanto da cultura, de forma a construir um novo imaginário da e para a cidade. Por trás disso existia uma disputa de poder no âmbito das classes dominantes e a influência notável de um setor das elites de caráter urbano.

Os dirigentes dos clubes de remo perceberam bem esse novo momento da cidade e foram parte ativa no processo de ressignificação e de identificação do esporte com o novo imaginário que se buscava criar para o Rio de Janeiro. Ao perceberem que poderiam tirar proveito de tal contexto, começaram a buscar estratégias para unir forças, potencializar a organização de suas atividades e indicar e controlar os sentidos da prática do remo.

Uma das estratégias centrais foi a criação de entidades representativas dos clubes. A iniciativa pioneira ocorreu em 1895, quando os clubes Botafogo, Union de Cantioners e Luiz Caldas (do Rio de Janeiro), Gragoatá e o Icarahy (de Niterói) criaram a União de Regatas Fluminense. Tal atitude foi repetida e aperfeiçoada em 1897 (com a União de Regatas), em 1900 (com o Conselho Superior de Regatas) e em 1902 (com a Federação Brasileira de Sociedades de Remo).

Na criação de cada uma dessas associações pode-se perceber um processo semelhante: o aperfeiçoamento na organização das regatas; o aumento das exigências dos regulamentos para os clubes filiados; a implementação de estratégias para excluir os clubes mais pobres ou os que resistissem a tomar parte nas associações; iniciativas de difusão das peculiaridades do remo; um projeto de controle nacional, inclusive a partir da reivindicação da exclusividade de negociação de verbas governamentais para o esporte. Dentro desse processo, o remo passa a ser apresentado como o mais adequado tanto do ponto de vista moral (por isso a eliminação das apostas e a luta para manutenção do amadorismo) quanto do ponto de vista físico: a melhor atividade para a saúde.

Na verdade, antes mesmo da popularização do remo, com a valorização dos banhos de mar (frios) em relação aos iniciais banhos quentes (hidroterápicos), já se expressava uma mudança de sentidos:

Uma nova classe inventa outra força, perante os modelos aristocráticos. Fá-lo reativando energias e dinamismos. Adquire solidez. Estabelece grandes divisões entre um ascetismo inédito e uma indolência aparente. Com a austeridade do frio ostenta uma prioridade em relação aos prazeres considerados demasiados fáceis (Vigarello, 1988, p. 98).

---

3. Deve-se considerar que, no Brasil, o período que vai de 1870 a 1930 é marcado por forte transição para o capitalismo. Maiores informações podem ser obtidas nos estudos de Lobo e Stotz (1985).

A afirmação parece adequada para refletirmos sobre as mudanças na sociedade carioca do fim de século:

Assim, o tema do banho frio não faz mais do que ilustrar uma profunda transformação de imagens, regulando a aplicação e as forças do corpo. A verdadeira deslocação é de resto, social. Crenças numa força autônoma, a inventada por uma burguesia confiante nas suas próprias forças físicas. Confiante, sobretudo em vigores totalmente independentes das filiações e dos códigos de sangue [...] É a mesma dinâmica que vai desqualificar o código aristocrático das aparências e das maneiras (Vigarello, 1988, p. 123).

Assim, o remo se desenvolveu a partir de uma concepção de esporte diferenciada do turfe, notadamente no que se refere à busca de identificação com a saúde. Inserido no contexto de rápidas mudanças e de iniciativas de construção de um novo imaginário para a cidade, o remo passa a ser identificado não somente como o esporte do exercício físico, como também como o esporte da saúde, uma dimensão cada vez mais valorizada por uma elite urbana de grande influência no aspecto cultural, mesmo que com menor poderio econômico.

O remo se adequava plenamente às imagens de progresso e de modernidade que procurava-se consolidar: aeração (era disputado na praia, local arejado), ventilação (a praia é ventilada), iluminação (a praia é iluminada), limpeza (é disputado na água do mar), riqueza (as elites urbanas freqüentavam e aprovavam a prática), saúde (os remadores são fortes e musculosos), harmonia e coletividade (os remadores devem remar em conjunto; os clubes devem seguir as normas de Federações), organização e eficiência (os esforços dos clubes e Federações foram intensos nesse sentido), beleza (corpos belos, bonitas paisagens das praias), natureza (o remo é disputado no mar), humanidade (não mais cavalos como atletas, mas sim homens), desafio (é o homem que com seu próprio esforço faz mover o barco, desafiando os desconhecidos perigos do mar).

O progresso da nação, enfim, dependia de indivíduos saudáveis, física e moralmente. É o remo passa a ser concebido e apresentado como o ideal para difundir uma idéia de juventude saudável, mesmo que a cidade somente oferecesse boas condições para uma minoria pertencente às elites. A representação difundida era a de que uma nova juventude estava surgindo ao redor do remo:

Essa geração, que está se educando no mar, face a face com o perigo, criando a energia muscular e energia moral, já é mais bella, mais forte, mais nobre do que a minha. Os adolescentes de hoje já não são como os de hontem, magros e tristes, macambuzios e hystericos, criados entre o rigor do carrancismo paterno e a brutalidade dos mestres boçaes, entre sustos e palmadas, sem exercicio physico e sem liberdade de espírito [...] os meninos de hoje já são bravos como homens (A CANDAGEM, 1903, p. 5).

Olavo Bilac, fervoroso adepto das iniciativas de “modernização” da sociedade na transição do século XIX para o XX, também procurava ressaltar os benefícios da prática para a juventude:

Basta comparar a grande geração, que actualmente envelhece no Rio de Janeiro, à geração nova que ahi se está formando com o exercício do remo, para ver que benefícios se estão colhendo do desenvolvimento do sport-náutico. Ver essa mocidade, exuberante de saúde e de alegria – é cousa que encanta e orgulha. [...] O contacto diário com o ar livre e com os perigos do mar salva-a do desanimo e do abatimento moral (apud Mendonça, 1909, p. 397).

O remo definitivamente buscava se identificar a um novo estilo de vida, a uma nova opção de prazer, a novos códigos de conduta, a uma nova relação com o corpo:

[...] uma vocação para o corpo e a saúde disputada no coração dos “novos homens”, pelo seu impulso instintivo para a concorrência, a agressividade e o sucesso. A saúde [...] imprimia uma conotação de auto-estima, autoconfiança e combatividade, inscrita na coloração irradiante da pele, na estrutura sólida, nas proporções adequadas, nas formas esbeltas [...] (Sevcenko, 1998, p. 559).

Sendo o remo concebido como importante para a saúde, não é de se estranhar que em jornais e revistas fossem publicados artigos que procuravam exaltar seus benefícios para evitar e curar algumas doenças, como, por exemplo, a tuberculose, um grande mal na cidade do momento. Mais ainda, é importante perceber que os antigos *cracks*, os cavalos, foram substituídos por humanos, ao redor dos quais se construía uma representação de saúde, força, vigor, retidão moral. Vejamos como os remadores eram representados em *A Canoagem*, um periódico específico na época:

Lá estava o Sardinha, satisfeito, recordando-se ainda de sua victoria na Cecy; o Carlos de Castro, com os braços abertos por causa do muque [...]; o Guimarães, do Natação, n’uma exhibição impressionadora de peito largo e braços grossos, e outros tantos rapazes sadios e vigorosos, de todos os ramos do sport [...] (1903, p. 5).

Já o campeão brasileiro de remo em 1903, assim era apresentado

Arthur Amendoa, é de estatura mediana, moreno, bela estatura, bella complexão de athleta, bastante musculoso, dotado de muito bom gênio e no trato é cortez; excellente companheiro e amigo leal (1903, p. 4).

Com certeza, os remadores ocupavam um papel fundamental na consolidação das representações acerca do remo, na medida em que eram uma face bastante visível do esporte. Deveriam, logo, demonstrar em seu físico e em seu caráter os sentidos esperados.

## O REMO, A ATIVIDADE FÍSICA E A SAÚDE: DISCURSOS

Ao buscar garantir que o remo se desenvolvesse de forma controlada, os clubes também se empenharam em iniciativas de difusão de suas idéias. Uma das ações mais freqüentes foi a de apresentar para as autoridades governamentais o remo como esporte saudável, adequado ao novo momento, reivindicando investimentos para o seu desenvolvimento. Rapidamente se estabeleceu uma articulação entre os clubes e tais autoridades, onde o envolvimento do prefeito Pereira Passos parece luminar nesse processo.

Como esse aspecto já foi discutido em artigo anterior (Melo, 2000), vou preferir discutir uma outra dimensão fundamental no consolidar das representações de saúde ao redor do remo: o papel da imprensa. As relações entre os clubes esportivos e a imprensa se estabeleceram bem precocemente, já com o turfe, e foram se acirrando no decorrer do tempo, embora nem sempre de forma pacífica e harmoniosa. De qualquer forma, os clubes sabiam que a imprensa era fundamental para a difusão e continuidade de suas atividades, enquanto os jornais percebiam que poderiam obter lucros com a atividade esportiva (Veiga, Salazar, Melo, 1997).

Paulatinamente as notícias das regatas começaram a ocupar espaços nos jornais, primeiro de forma esparsa, depois nas primeiras colunas esportivas, e finalmente na primeira coluna específica, publicada a partir de 1895 no jornal *O Paiz*. Logo também surgiram os primeiros periódicos dedicados ao remo, que ajudariam ainda mais a difusão de suas peculiaridades (Melo, 1999a).

Entre tais periódicos, deve-se destacar *A Canoagem – revista sportiva*, mais estruturado, criado em 1903, editado semanalmente. Embora também publicasse notícias de outros esportes, era centralmente dedicado ao remo. Tanto que assumiu como subtítulo “órgão oficial da Federação Brasileira das Sociedades do Remo”. Seus intuitos ficavam claros já no editorial do primeiro número, onde percebia-se que os clubes de remo se consideravam os mais adequados ao novo sentido da prática esportiva:

Acreditamos que o título de nossa escolha, inculcando o assumpto de nossa particular eleição, não franqueará, nem nutrirá animosidade por parte dos nossos collegas do sport, desde que o nosso fim é propagar e estimular os sports, que maiores vantagens apresentam sob o ponto de vista do desenvolvimento physico de uma raça (Pontual Júnior, 1903, p. 1).

Interessante observar como em um periódico como *A Canoagem*, tão preocupado com o esporte e sua relação com a “raça” e com a saúde, pode-se encontrar muitos anúncios de cigarros e cervejas. Os Cigarros Campeonato inclusive ofereciam uma canoa para quem levasse maior número de maços à fábrica, pro-



moção sempre divulgada pelo próprio periódico. Também eram encontrados anúncios da Cerveja Ritter, do Charuto Pollock e do Chopp Nautico.

As relações constantes entre drogas e esporte, até hoje plenamente identificáveis, deviam existir na época de forma tão direta por alguns motivos. Primeiro, por não se ter claro os prejuízos do cigarro e da cerveja para a saúde. Basta dizer que alguns anos antes ainda se vendiam cigarros de maconha como benéficos para os problemas de asma. Além disso, essa questão não era tão relevante quando a revista precisava de anunciantes para se manter ativa, pois somente com o resultado das vendas nas bancas isso não era possível. Mais ainda, mesmo que o discurso da saúde fosse utilizado, tão ou mais importante era a questão da imagem, e isso justificaria até mesmo pequenas “incoerências”.

Na verdade, não se sabia exatamente nem mesmo quais são os benefícios do esporte para a saúde, sem falar que as doenças cardiovasculares não eram uma preocupação central naquele momento. Quando se falava dos benefícios, normalmente citava-se que ajudariam a desobstruir os poros, a livrar o corpo das impurezas e a potencializar a energia. Como podemos ver, nada muito claro ou rigoroso cientificamente<sup>4</sup>.

Percebe-se, de fato, o acirrar de uma relação que de alguma forma já existia com o turfe desde o século XIX: a utilização do esporte como objeto de propaganda. Diversas companhias ampliavam as iniciativas de ligação de seu nome às diferentes práticas esportivas. Com a popularidade crescente dessas manifestações, percebiam que seria interessante associá-las à marca da empresa e de seus produtos.

Por exemplo, nas páginas de *A Canoagem* pode-se encontrar muitas empresas que procuravam estabelecer uma relação entre seus produtos de (supostamente) “saúde” e o esporte. A Água Salutaris fazia questão de afirmar que “A Água Salutaris às refeições torna o *rower* forte”. Já a Emulsão da Farmácia Abreu Sobrinho publicava diversas trovas: “Os rowers do Natação, em vez de cerveja ou vinho, bebem, á meza, a Emulsão da Pharmacia Abreu Sobrinho”; “Quereis ganhar sozinho, um páreo de natação? Bebe do Abreu Sobrinho, a vigorosa Emulsão”; “És *rower*? E queres pois ser domingo campeão? Na Lapa 72, compra um vidro de emulsão”. Amendoa também mereceu uma trova que ligava sua conquista às propriedades medicinais de um tônico: “De ser um bom remador/Amendoa deu prova cabal/Pois bebeu Porto Invalid/Da Casa Silva Cabral”.

Enfim, dessa forma definitivamente o remo construía ao seu redor uma representação de que “esporte é saúde”.

---

4. Maiores informações podem ser obtidas no estudo de Sant’anna (1996).

## CONCLUSÃO

Com tantas iniciativas em andamento, Alberto Mendonça não exagera ao afirmar que:

A revolução, que vinha fazendo o nosso sport, já disseminador de tanto prestígio e factor incontestado da educação physica e moral de nossos moços mareantes, tomou em 1903 incremento notável [...] A sua divulgação excedia a expectativa dos mais intransigentes scepticos e pode-se afirmar com segurança que esse salutar exercício encontrava, no apoio moral das nossas classes sociais, margem illimitada a consecução do seu nobre ideal (1909, p. 41).

Naquele momento, não só no Rio de Janeiro, como também em outras cidades do país<sup>5</sup>, o remo já se encontrava organizado. Mesmo com peculiaridades de cada local, pode-se afirmar que os seus sentidos e significados eram bastante aproximados. As instituições de remo constantemente e mais denotadamente ainda passam a adotar o discurso do valor da "educação physica"<sup>6</sup>. O remo passa a ser reconhecido como uma das formas mais completas de atividade física<sup>7</sup>. Os clubes passam a se auto-intitular "centros de educação physica".

Mais ainda, outros esportes já estavam em pleno desenvolvimento e claramente reorientaram suas ações, se enquadrando nas novas dimensões. Aqueles que não se adequassem, assistiriam um paulatino declínio, pelo menos na sua consideração enquanto um esporte, como é o caso do turfe.

Por exemplo, podemos encontrar, em *A Canoagem*, essa informação sobre o valor do jogo de pelotas: "... desenvolve a musculatura das pernas e tronco do indivíduo, como também faz-le adquirir uma grande certeza de vista e promptas resoluções para exercitar o seu jogo" (1903, p. 14). Até mesmo tal jogo, antes considerado "simplesmente" como um jogo de apostas, passa a se preocupar com esse tipo de legitimação. No caso do ciclismo, desde o fim do século XIX já se percebem preocupações de apresentá-lo como um esporte importante para o "desenvolvimento físico da mocidade". Processo semelhante pode ser observado com o atletismo, a esgrima, o tiro ao alvo, a natação.

5. O remo já era praticado em São Paulo, Santos, Salvador, Porto Alegre, Vitória, Recife, Fortaleza, Belém, entre outras cidades.

6. Interessante notar como as publicações de remo começam a publicar artigos sobre a educação física. Por exemplo: DUPRAT, G.L. A Educação Physica sob o ponto de vista sociológico. *A Canoagem*, Rio de Janeiro, ano 1, n.13, p. 6-8, setembro/1903.

7. Desde o final do século XIX, alguns autores já apresentavam o remo como uma atividade adequada para a educação física da juventude. Muito interessante nesse sentido é o estudo de Pitombo (1900).

Enfim, nos primeiros anos do século XX já estavam lançadas as bases e estabelecidos os sentidos básicos do que Nicolau Sevcenko chama de “febre esportiva”, observável principalmente nas décadas de 20 e 30; uma febre que veio crescendo desde meados do século XIX, mas somente na virada do século encontra condições completas para se desenvolver ainda mais. Estavam forjados os sentidos fundamentais de uma “civilização esportiva”:

[...] uma ética do ativismo, a idéia de que é na ação e portanto no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano. As filosofias da ação, os homens de ação, as doutrinas militantes, os atos de arrebatamento e bravura se tomam os índices nos quais as pessoas passam a se inspirar e pelos quais passam a se guiar (1998, p. 569).

Mais do que identificar a ocorrência dessa “febre”, é importante perceber que ela começa quando são estabelecidos novos sentidos para a prática esportiva. Dali até os dias de hoje, o esporte já não era mais só um jogo. Cada vez mais seria encarado como uma escola de virtudes e relacionado com a saúde, determinando profundamente a atuação e os discursos de muitos que com o fenômeno esportivo se envolvem, nos mais diferentes âmbitos e funções.

#### “Sport is health”: Since which moment?

*ABSTRACT: “Sport is health”, “Sport is good to body and mind”, “Sport is not drug, do it”. We could identify some positions that try to discuss a positive and linear relation between sport and health of participants, but it is really powerful this representation among the population. How and when starts this relation? This article aims to discuss the first moments of the relationship between health and sport, since a historical point of view. To reach this objective we are going to discuss this relation in the first moments of organisation of sport in 19th century Rio de Janeiro.*

*KEY-WORDS: Sport history; health*

#### “El deporte es salud”: Desde cuando?

*RESUMEN: “El Deporte es Salud”, “El Deporte hace bien al cuerpo y a la mente”, “El Deporte no es Droga, practicalo”. Con respecto a la existencia de distintas posiciones que procuran cuestionar una supuesta relación positiva y lineal que se establece entre el deporte y la salud de los que lo practican, no se puede negar la fuerza que tiene esta afirmación en la población. Cómo y cuando fue que se estableció esta relación? Este artículo tiene como propósito a partir de un punto de vista histórico, discutir los orígenes de esta fuerte relación entre deporte y salud. Para ello se tratará de discutir la organización del fenómeno deportivo en la sociedad brasileña, sobretudo en el Río de Janeiro del siglo XIX, tratando de develar sus diferentes sentidos y significados.*

*PALABRAS CLAVES: Historia del deporte; salud*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A CANOAGEM, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5, jul. 1903. A cidade.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 2-5, jul. 1903. Seção Oficial.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, v. 1, n. 13, p. 14, 1903. Seção Oficial.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, v. 1, n. 17, p. 4, out. 1903. Seção não Oficial.
- COSTA, N. *Páginas cariocas*. Guanabara: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1961, p. 278.
- DEVIDE, F. P. Educação Física e saúde: em busca de uma reorientação para sua práxis. *Movimento*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 44-55, 1996.
- DUPRAT, G. L. A Educação Physica sob o ponto de vista sociológico. *A Canoagem*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 13, p. 6-8, set./1903.
- EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.
- LOBO, E. M. L.; STOTZ, E. N. Flutuações cíclicas da economia, condições de vida e movimento operário – 1880 a 1930. *Revista do Rio de Janeiro*, v. 1, n. 1, p. 61-86, dez. 1985.
- LOVISOLO, Hugo. *Estética, esporte e Educação Física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- MELO, Victor Andrade de. “*Cidade Sportiva*”: o turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903). Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999a.
- \_\_\_\_\_. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 41-72, 1999b.
- \_\_\_\_\_. O esporte e o projeto de modernização do Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX/XX: as relações com as autoridades governamentais. In: FERREIRA NETO, A. *Pesquisa Histórica na Educação Física – 5*. Aracruz: Facha, 2000. p. 27-52.
- MENDONÇA, A. B. *História do sport náutico no Brazil*. Rio de Janeiro: Federação Brasileira de Sociedades de Remo, 1909.
- PITOMBO, C. A. *Apreciações acerca dos exercicios physicos nos internatos e sua importancia prophylatica. 1900*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina e Pharmacia da Bahia.
- POMPÉIA, R. *Crônicas do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.
- PONTUAL JUNIOR, S. Editorial. *A Canoagem*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1, jul. 1903.

SANT'ANNA, D. B. O receio dos "trabalhadores perdidos": corpo e cidade. *Projeto História*, São Paulo, n.13, p. 121-128, jun. 1996.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 513-519.

VEIGA, E. A. D. da, SALAZAR, F.; MELO, V. A. de. O esporte na imprensa e a publicidade esportiva no Rio de Janeiro do século XIX. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Ijuí, v. 18, n. 2, p. 166-173, 1997.

VIGARELLO, G. *O limpo e o sujo*. A higiene do corpo desde a idade média. Lisboa: Fragmentos, 1988.